



**Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Faculdade de Letras – FALE**

JACKSON MICHAEL DA SILVA

**A HETERONÍMIA SEGUNDO AS CARTAS DE FERNANDO
PESSOA**

Maceió

JACKSON MICHAEL DA SILVA

**A HETERONÍMIA SEGUNDO AS CARTAS DE FERNANDO
PESSOA**

**Trabalho de conclusão de
Curso submetido à
Universidade Federal de
Alagoas como parte
dos requisitos necessários
para a obtenção do Grau de
licenciatura plena em letras-
português. Sob a orientação
da Professora Dra. Susana
Soutos Silva.**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586h Silva, Jackson Michael da.
A heteronímia segundo as cartas de Fernando Pessoa / Jackson Michael da Silva. –
2021.
24 f.

Orientadora: Susana Souto Silva.
Artigo (Trabalho de conclusão de curso em Letras - Português) – Universidade
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 23-24.

1. Pessoa, Fernando, 1888-1935. 2. Heteronímia. 3. Cartas. 4. Poemas. I. Título.

CDU: 82-1:17.025.1

Ao(s) 27 dia(s) do mês de maio do ano de 2021, reuniu-se a Comissão Julgadora do trabalho acima referido, assim constituída:

Prof./a Orientador/a: Susana Souto Silva

1º Prof./a Examin./a: Luiz Fernando Gomes

2º Prof./a Examin./a: Francisco Jadir Lima Pereira

que julgou o trabalho (X) APROVADO () REPROVADO, atribuindo-lhe as respectivas notas:

Prof./a Orientador/a : 10,0 (NOVE INTEIROS)

1º Prof./a Examin./a: 9,0 (NOVE INTEIROS)

2º Prof./a Examin./a: 9,0 (NOVE INTEIROS)

totalizando, assim a média: 9,33 (NOVE VÍRGULA TRINTA E TRÊS), e autorizando os trâmites legais. Estando todos/as de acordo, lavra-se a presente ata que será assinada pela Comissão.

Maceió, 27 de Maio de 2021.



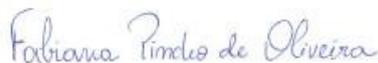
Prof./a Orientador/a:



1º Prof./a Examin./a:



2º Prof./a Examin./a:



VISTO DA COORDENAÇÃO

resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar uma análise crítica das obras poéticas do poeta Fernando Pessoa. Tomando como pressuposto teórico os escritos do poeta, em especial, as cartas que o autor deixou e alguns de seus poemas pretende-se refletir sobre o fenômeno da heteronímia. Este estudo refletirá sobre a concepção do próprio poeta sobre seus heterônimos, referindo-se neste trabalho como os outros eus de Fernando Pessoa. Analiso com base nas cartas de Pessoa a ideia que o poeta tinha de si mesmo e como ele se multiplicou através da literatura. Ainda discutiremos o estilo dos principais heterônimos (Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Alberto Caeiro), visto que esses pseudo-autores detêm uma quantidade de escritos mais vastas, o que nos ajuda para uma análise mais demorada e crítica. Por fim relacionar o tecido heteronímico na tentativa de construir uma “árvore genealógica” dos pseudo-autores de Pessoa, sua relação com autores reais e onde começa e onde termina o ortônimo Fernando Pessoa.

Palavras-chaves: Fernando Pessoa. Heterônimos. Cartas. Poemas

Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar un análisis crítico de la obra poética del poeta Fernando Pessoa. Tomando como presupuesto teórico los escritos del poeta, en particular, las cartas que dejó el autor y algunos de sus poemas, se pretende reflexionar sobre el fenómeno de la heteronomía. Este estudio reflexionará sobre la propia concepción del poeta de sus heterónimos, refiriéndose en esta obra como los otros yoés de Fernando Pessoa. A partir de las cartas de Pessoa, analizo la idea que el poeta tenía de sí mismo y cómo se multiplicaba a través de la literatura. Seguiremos discutiendo el estilo de los principales heterónimos (Ricardo Reis, Álvaro de Campos y Alberto Caeiro), ya que estos pseudo autores poseen una mayor cantidad de escritos, lo que nos ayuda para un análisis crítico y más lento. Por último, relatar el tejido heteronímico en un intento de construir un “árbol genealógico” de los pseudoautores de Pessoa, su relación con autores reales y donde comienza y termina el ortónimo Fernando Pessoa.

Palabras clave: Fernando Pessoa. Heterónimos. Cartas. poemas

SUMÁRIO

Introdução	8
1- Quem é Fernando Pessoa? Uma biografia escrita por ele mesmo	9
2- Fernando Pessoa e seus principais heterônimos	11
2.1 Alberto Caeiro	13
2.2 Ricardo Reis	15
2.3 Álvaro De Campos	17
3- Fernando Pessoa o escritor que se multiplicou-se	19
4- Fernando Pessoa e suas cartas: o que diz ele mesmo em suas cartas sobre seus poetas-fictícios?	20
5- Onde “acaba” Fernando Pessoa e começa seus heterônimos?	22
Considerações finais	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo discutir a heteronímia na obra poética do poeta português Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 13 de junho de 1888 — Lisboa, 30 de novembro de 1935), um dos mais importantes poetas em Língua Portuguesa, autor que se firma como poeta central do período denominado de modernismo, a partir do que ele afirma em algumas de suas cartas nas quais trata dessa complexa e ampla questão. Sua poesia o diferencia de outros autores pela sua criação e utilização dos heterônimos (personalidades poéticas criadas pelo próprio autor) uma característica que marcou o poeta português e o levou a explorar diversos estilos poéticos.

Os heterônimos se caracterizam como um ponto central para a compreensão da obra pessoana, sua perspectiva lírica moderna e como o poeta concebia suas múltiplas vozes poéticas em sua obra. Dessa forma, através da leitura de alguns de seus textos (poemas e cartas) e também com o apoio de alguns teóricos, pretendemos analisar e conhecer mais um pouco o fenômeno pelo qual o poeta ficou conhecido até hoje -fenômeno heteronímico.

Ainda será feita uma análise de seus textos para, até onde for possível determinar, sua origem ou origens dos heterônimos, suas influências no tecer poético de Pessoa (tanto em versos com em prosa). Vamos conhecer os heterônimos dito mais importantes que é, aliás, os mais conhecidos pelo público leitor, seus textos e estilos peculiares. Em seguida vamos citar outros nomes desses heterônimos que não são tão conhecidos (em forma de um quadro para facilitar a identificação) suas respectivas obras, seus estilos literários e sua relação com o poeta F.P e os demais heterônimos.

Pretendemos ao final desse artigo refletir sobre a perspectiva do próprio F.P sobre seus heterônimos através da leitura de suas cartas e outros textos críticos.

1- Quem é Fernando Pessoa? Uma biografia escrita por ele mesmo

Iremos transcrever a seguir a “Nota biográfica” escrita por Fernando Pessoa no dia 30 de março de 1935 (ano de sua morte). A ideia aqui é mostrar como o próprio poeta se via:

Nome completo: Fernando António Nogueira Pessoa.

Idade e naturalidade: Nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio nº. 4 do Largo de S. Carlos (hoje do directório), em 13 de junho de 1888.

Filiação: filho legítimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do General Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do conselheiro Luís António Nogueira, jurisconsulto, e que foi directo-geral do Ministério do Reino e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral – misto de fidalgos e de judeus.

Profissão: a designação mais própria será ‘tradutor’, a mais exacta a de ‘correspondente estrangeiro em casas comerciais’. O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.

Funções sociais que tem desempenhado: se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque, nenhuma.

Obras que tem publicado: a obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por várias revistas e publicações ocasionais. O que, de livros e folhetos, considera como válido, é o seguinte: ‘35sonnets’ (em inglês), 1918; ‘English poems I-II e ‘nglish poems III’ (em inglês também), 1922; e o livro ‘mensagem’, 1934, premiado pelo secretariado de propaganda Nacional, na categoria “poema”.

Educação: em virtude de, falecido seu pai em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas núpcias, com o Comandante João Miguel Rosa, Cônsul de Portugal em Durban, Natal, foi ali educado. Ganhou o prêmio Rainha Vitória de estilo inglês, na universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admissão, aos 15 anos.

Ideologia política: considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver

plebiscito entre regimes votaria, embora com pena, pela república. Conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionário.

Posição religiosa: cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as igrejas organizadas, e sobre tudo à igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntima relação com a tradição Secreta de Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria.

Posição iniciática: iniciado, por comunicação direta de Mestre a discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal.

Posição patriótica: partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda infiltração católica-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo, que substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema: 'Tudo pela humanidade; nada contra a nação'.

Posição social: anticomunista e antissocialista. O mais deduz-se do que vai dito acima.

Resumos destas últimas considerações: ter sempre na memória o mártir Jacques de Molay, Grão-mestre dos templários, e combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos – a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania. (PESSOA, 1935, pp. 30-34)

De acordo com essas notas, escritas pelo próprio Pessoa, compreendemos alguns aspectos mais minuciosos no que diz respeito à vida do poeta. Ele mesmo se via como uma pessoa comum, que não tinha nada que não encontrasse em outro indivíduo qualquer. Além disso, Pessoa era um homem formado com convicções políticas e religiosas com posição social ordinária e que não se considerava mais do que um simples tradutor. Analisando somente sua autobiografia não vemos nada de especial com relação a sua produção poética; qualquer indivíduo poderia ser proprietário dos dados fornecidos nesta biografia, porém esse não constitui o único texto deixado por Fernando Pessoa para analisarmos sua figura enquanto ser poeta.

No texto acima, podemos perceber que Fernando Pessoa se considerava conservador em termos políticos, quanto a sua poesia era de um tom mais ousado e inovador. Seus escritos poéticos são de uma natureza bem particular que envolve uma produção complexa, diversificada e moderna; tais características são evidentes nos textos assinados pelos heterônimos de Pessoa.

2- Fernando Pessoa e seus principais heterônimos

Começo com algumas questões que me impulsionam. O que é o fenômeno heteronímico? E por que é importante estudá-lo enquanto fenômeno poético? Em primeiro lugar saber o significado nos dará uma ideia desse fenômeno. Heterônimo significa “outro nome”, de pessoa imaginária, a quem um escritor atribui a autoria de certas obras suas, obras com características e tendências próprias, diversas das do autor verdadeiro. Sendo assim, quando o autor assume outras personalidades como se fossem pessoas reais ele está assumindo o papel de heterônimo. Como afirma Mariella Augusta Pereira heterônimo se conceitua:

Mesmo a escolha da palavra, heterônimo, ao invés de pseudônimo, leva-nos aos exercícios de caracterização de personagens, pois, se o pseudônimo é só uma atribuição de um outro nome para o autor do texto, o heterônimo é uma criação de uma identidade diferente daquele que o cria e que se desenha na locução. (PEREIRA, 2014, p.22)

Mas só sabermos o significado não nos ajudará muito para compreendermos a extensão desse fenômeno, especialmente nas obras pessoanas, visto se tratar de um fazer poético complexo e até inovador além de seus vários significados; é necessário também fazer uma análise dos textos de Fernando Pessoa, entrar em contato com os poemas de seus poetas fictícios e até de suas correspondências para melhor entender a natureza dos escritos pessoanos.

Em se tratando dos heterônimos de Fernando Pessoa, podemos dizer que o poeta se multiplicou para sentir tudo de todas as maneiras, ele não se contentou com apenas um eu, foi necessário criar vários ‘eus’, Fernando

Pessoa era como se fosse várias personalidades coexistindo um só corpo. Veja o que ele diz na voz de Álvaro de Campos:

*Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus
diferente.*
(PESSOA, 2009, p.314)

É lugar comum na literatura que o maior e mais famoso exemplo da produção de heterônimos é do poeta português Fernando Pessoa. Ele criou os heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, entre muitos outros. Também criou o semi-heterônimo Bernardo Soares. Dessa forma Pessoa fragmentou-se, se partiu para conhecer todos os caminhos possíveis dentro da ficção, ele mesmo se reinventou ou melhor ele inventou seu próprio mundo, e como todo mundo, esse criado por Pessoa tinha de ser complexo, múltiplo e cheio de possíveis interpretações de acordo com cada poeta-fictício.

Cada heterônimo carrega consigo um meio de enxergar o mundo em sua volta. Dentro da ficção cada indivíduo têm uma voz característica, um modo de expressa- se, um tema pelo qual sua visão poética é-nos revelado. A família heteronímica comporta três membros principais: Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Veremos cada um dos poetas-fictícios criado por Fernando Pessoa, , de modo não exaustivo, pois cada um envolve uma grande complexidade poética.

2.1 Alberto Caeiro

Esse heterônimo foi um poeta ligado à natureza, que despreza e repreende qualquer tipo de pensamento filosófico, afirmando que pensar obstrui a visão.

*Há metafísica bastante em não pensar em nada.
O que penso eu do mundo?*

Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adocesse pensaria nisso.
Que ideia tenho eu das coisas?
(PESSOA, 2009, p.15)

Alberto Caeiro foi, como admitiu muitas vezes Fernando Pessoa, um dos seus heterónimos que mais gostava e admirava. Foi criado quando um dia Fernando Pessoa se lembrou de fazer uma partida ao seu confidente, o escritor Mário de Sá-Carneiro, mandando-lhe um poema e dizendo que era de um suposto amigo seu. Quando finalmente pôs a descoberto a mentira disse-lhe por carta: “Quis inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lhe, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade”. A seguir, temos um trecho da Carta escrita por Pessoa a Adolfo Casais Monteiro.

Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de março de 1914 — aproximei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia mais triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, “O Guardador de Rebanhos”. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpa-me o absurdo da frase: “aparecera em mim o meu mestre” mas foi essa a sensação imediata que tive.”(PESSOA, 1935, p.5)

Adolfo Casais Monteiro Monteiro foi um poeta, tradutor, crítico e novelista português e amigo de Pessoa. Em algumas de suas cartas encontramos Fernando Pessoa dando algumas explicações de cunho literário sendo a mais conhecida aquela que trata da origem dos heterónimos pessoanos citado agora a pouco. Apesar de ser breve esta carta (de 5 a 7 páginas), sua importância para se compreender a construção poética de Pessoa não é menos importante do que seus poemas. Pois junto se constitui um dossiê poético feito pelo próprio autor dando-nos pistas de sua suposta expiração literária. A questão tratada por Pessoa nesta carta sobre a origem dos heterónimos se coloca de diversas maneiras possíveis proporcionando

uma análise ora em termos psicológicos, ora em termos filosóficos e religiosos ou por fim em termos literários; Pessoa ora se justifica usando um aspecto ora ele se utiliza de todos os aspectos juntos o que torna ainda mais complexo “descobrir” uma fonte única de seus poemas-fictícios.

Em mais detalhes, Fernando Pessoa escreveu que o imaginou como tendo nascido em Lisboa, em 1889 e morrido em 1915, mas que viveu quase toda a sua vida no campo, com uma tia-avó idosa, porque tinha ficado órfão de pais cedo. Era louro, de olhos azuis. Como educação, apenas tinha tirado a instrução primária e não tinha profissão. Ainda quanto ao estilo dos escritos de Alberto Caeiro, podemos dizer que ele se utiliza de uma linguagem simples e com um forma discursiva em forma de argumentos dialéticos (pensar-sentir; razão-sensação; concreto-abstrato; ver com os olhos e ver com a mente) dessa forma podemos verificar também nos poemas desse autor uma predominância das formas verbais do presente do indicativo além de constar em sua estrutura poética a ausência de rimas e uma certa liberdade com relação às estrofes e a metrificação.

Quanto ao tema, a escolha de um pensamento antimetafísico é muito frequente nos assuntos de seus poemas. Há ainda a presença muito marcante de um objetivismo nas suas palavras visto que o poeta se utiliza muito da sua experiência investigativa no ato de ver e de sentir as coisas como elas são realmente. Essa forma de pensar tem atribuído ao poeta-fictício o título de poeta da natureza.

*O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...
Amar é a eterna inocência,*

E a única inocência não pensar...

(PESSOA, 2009, p. 11)

2.2 Ricardo Reis

Ricardo Reis (19 de setembro de 1887) é mais um dos heterônimos conhecidos de Fernando Pessoa, tendo sido imaginado de relance pelo poeta em 1913 quando lhe veio à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Nasceu no Porto, estudou num colégio de jesuítas, formou-se em medicina e, por ser monárquico, expatriou-se espontaneamente desde 1919, indo viver no Brasil. Esse novo poeta-fictício nasceu como um tipo de oposição ao pensamento de Caeiro ou como melhor disse o próprio Fernando Pessoa um discípulo deste.

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir — instintiva e subconscientemente — uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. (Carta a Adolfo Casais Monteiro, p.5)

Segundo Mariella Augusta Pereira em sua tese (2014, p. 123)

Ricardo Reis é poeta neoclássico, com tendência epicurista, às vezes estoica (ao menos, ambos, Reis e Pessoa dizem); é discípulo de Horácio, como o denunciam seu vocabulário, sua temática e sua preferência pelas odes ligeiras. Na *Arte Poética*, o poeta venusiano ensina que “a Musa deu à lira cantar as divindades e os filhos de deuses e o pugilista vencedor e o primeiro cavalo no certame e os cuidados de jovens e os vinhos libertadores”. As odes são, como sabemos, poemas breves, algo alcaicos e sáficos, de matéria variada. Nelas se fala do cotidiano, de encontros, da amizade, do amor discreto e risonho. Fala-se do vinho, da necessidade de se estar sereno em frente da natureza, de um comportamento que busca o prazer simples mesmo ante a efemeridade das coisas, ante a brevidade não só da vida mas também da juventude. Assim Reis obedece. Por outro lado, Reis é também discípulo de Caeiro, adepto ao sensacionismo, um colhedor de sensações, desejoso de sentir a natureza, com sede do verdadeiro universo. Eis sua sucinta descrição.

Ainda segundo Leyla Perrone-Moisés em um artigo em que ela compara cada pensamento dos heterônimos como uma forma de olhar o mundo. Cada figura é apresentada com um tipo de olhar e Ricardo Reis é aquele que tem o “olhar distante”.

Ricardo Reis, o heterônimo neoclássico, autor de rigorosas odes horácianas e teórico do neopaganismo, é um esforço redobrado: Reis procura ser o fiel discípulo do mestre Caeiro. Como este, pretende ver claramente o mundo “exterior”; mas seu olhar é frio e desencantado:

O mundo exterior claramente vejo —

Coisas, homens, sem alma.

(OP, p. 287)

Em RR, coloca-se constantemente a questão do *lugar* do olhar, que define a situação do observador no universo, sua relação com as coisas vistas e com os outros seres capazes de olhar. Há, na poesia de RR, uma hierarquia dos olhares.

“Mais alto estão os deuses [...] visíveis à nossa alta vista” (OP, p. 265). Abaixo do homem, estão as coisas do mundo, que ele deve olhar como os deuses, à distância: “Vê de longe a vida [...] Imita o Olimpo no teu coração” (OP, p. 270). A altura é o desafio enfrentado por RR. Não podendo olhar dos céus, como os deuses, RR busca ao menos o alto das colinas, “longe de homens e de cidades”, onde ninguém, nem casa alguma, lhe vede a vista (OP, p. 262).

(pensar é estar doente dos olhos,Artepensamento, c.1988. Disponível em: <<https://artepensamento.com.br/item/pensar-e-estar-doente-dos-olhos/>>. Acesso em 10 de dez. de 2020

2.3 Álvaro De Campos

Deixemos a apresentação a cargo do próprio Fernando pessoa que em sua citadíssima carta de 13 de janeiro de 1935 a Adolfo Casais Monteiro escreve nos oferecendo um retrato exato desse heterônimo:

Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inatividade. [...]

Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada [...] entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. [...]

Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. [...]

Nota-se que entre todos os heterônimos, Álvaro de Campos foi o único a manifestar fases poéticas diferentes. Houve três frases distintas na sua obra. Começou a sua trajetória como decadentista (influenciado pelo Simbolismo), onde exprime o tédio, a náusea, o cansaço e a necessidade de novas sensações para fugir à monotonia. Podemos ver esses aspectos no poema a seguir:

*[...] Compreendo a intervalos desconexos;
Escrevo por lapsos de cansaço;
E um tédio que é até do tédio arroja-me à praia.
Não sei que destino ou futuro compete à minha angústia
sem leme;
Não sei que ilhas do sul impossível aguardam-me naufrago;
ou que palmares de literatura me darão ao menos um verso.
Não, não sei isto, nem outra coisa, nem coisa nenhuma...
E, no fundo do meu espírito, onde sonho o que sonhei,*

*Nos campos últimos da alma, onde memoro sem causa
(E o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas) [...]*
(PESSOA, 2009, P.148)

*POR MAIS QUE VIAJE
Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça
O sair de um lugar, o chegar a um lugar, conhecido ou
desconhecido,
Perco, ao partir, ao chegar, e na linha móbil que os une,
A sensação de arrepio, o medo do novo, a náusea —
Aquele náusea que é o sentimento que sabe que o corpo
tem a alma,
Trinta dias de viagem, três dias de viagem, três horas de
viagem —
Sempre a opressão se infiltra no fundo do meu coração.*
(PESSOA, 2009, P. 182)

E por último uma fase mais intimista e pessimista, chamada Fase Abulicóica marcada pelo sentimento de vazio, em que ele se sente um marginal, um incompreendido, fechado em si mesmo, angustiado, cansado, nostálgico e com descrença em relação a tudo o poema “Opiário” nos descreve um pouco desse sentimento:

*OPIÁRIO
Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro
É antes do ópio que a minha alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.
Esta vida de bordo há de matar-me.
São dias só de febre na cabeça*

*E, por mais que procure até que adoeça,
já não encontro a mola pra adaptar-me. (PESSOA,
2009,P.287)*

3- Fernando Pessoa o escritor que se multiplicou-se

[...] Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus
diferente. (PESSOA, 2009, P.314)

De acordo com diferentes autores (Rita Lopes, 1990, Micahel Stoker, 2009, José Pulo Cavalcante Filho, 2011, entre outros) um grande esforço foi produzido como uma tentativa de mapear os poetas-fictícios (heterônimos) criados por Pessoa. Tentar chegar a um número exato não será possível visto que em primeiro lugar há muitas controvérsias sobre a autenticidade de alguns escritores criados por Pessoa ser ou não ser de fato um heterônimo. Desta forma entendemos que depende muito do ponto de vista teórico do pesquisador e dos critérios que serão utilizados para selecionar este e excluir aquele escritor que será considerado heterônimo. Mas com o objetivo de conhecermos tais poetas e tirarmos nossa própria conclusão não constituirá tarefa de todo inútil estabelecermos como essas pesquisas foram de fato se desenvolvendo ao longo do tempo. E quantos heterônimos foram analisados até agora e também quais foram os critérios para excluir uns e selecionar outros.

4- Fernando Pessoa e suas cartas: o que diz ele mesmo em suas cartas sobre seus poetas-fictícios?

Uma fonte de constantes pesquisas para o estudo dos escritos pessoanos é sem dúvidas as suas cartas. Nelas podemos encontrar os mais variados assuntos do poeta como também informações que nos indicará pistas sobre a vida pessoal do poeta e outras informações deixadas pelo próprio Pessoa sobre seu fazer poético. Ao analisar algumas dessas cartas devemos fazer uma distinção daquilo que nos interessa do ponto de vista literário, pois nem tudo que foi escrito por Pessoa é de interesse poético.

Dentre as correspondências de Fernando Pessoa podemos citar um número aproximado de 163 cartas escritas entre os anos de 1906 a 1935. Essa correspondência está disposta da seguinte maneira: 43 dessas cartas foram escritas para diferentes destinatários, 51 foram cartas de amor destinadas a Ophélia Queiroz, 24 cartas para Armando Côrtes-Rodrigues, 40 para João Gaspar Simões e 5 cartas foram escritas, mas não foram enviadas e são caracterizadas como rascunho.

Apesar de constituísse de um gênero muito pessoal as cartas de Fernando Pessoa foram enviadas para várias pessoas do mundo da poesia. O que às vezes dava às cartas um tom um pouco mais poético e estilístico. Observe o que ele diz em algumas de suas cartas a Adolfo Casais Monteiro, de 13 de janeiro de 1935:

Meu prezado Camarada:

Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento.

Logo após essa breve saudação Fernando Pessoa fala de si mesmo como poeta,[...]Sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, [...]. E que não teria quaisquer condições para ser mestre” Nunca me propus ser Mestre ou Chefe-Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar;”. Adiante ele fala de seu primeiro livro publicado e diversas razões para que este ter sido selecionado. E antes de adentrar no assunto dos heterônimos ele justifica seu modo de

escrever: (Interrompo. Não estou doido nem bêbado. Estou, porém, escrevendo directamente, tão depressa quanto a máquina me permite, e vou-me servindo das expressões que me ocorrem, sem olhar a que literatura haja nelas. Suponha — e fará bem em supor, porque é verdade — que estou simplesmente falando consigo). (PESSOA, 1935, p.3)

Feita essas considerações introdutórias F.Pessoa parte para o assunto dos heterônimos “ *Respondo agora directamente às suas três perguntas: (1) plano futuro da publicação das minhas obras, (2) génese dos meus heterónimos, e (3) ocultismo.*” Como o objeto desse trabalho trata-se da visão do próprio Pessoa sobre seus poetas-fictícios nos concentraremos nas partes que trata somente desse assunto. Apesar que essas três perguntas feita pelo Adolfo se relaciona direta e indiretamente com o objeto do nosso trabalho. Veja esse comentário de Pessoa:

Depois — e agora respondo propriamente à sua pergunta, que se reporta a poesia — tenciono, durante o verão, reunir o tal grande volume dos poemas pequenos **do Fernando Pessoa ele mesmo**, e ver se o consigo publicar em fins do ano em que estamos. Será esse o volume que o Casais Monteiro espera, e é esse que eu mesmo desejo que se faça. Esse, então, será as facetas todas, excepto a nacionalista, que «Mensagem» já manifestou. (PESSOA, 1935, p.4)

Veja que aqui ele se reporta como uma figura literária separada dos demais escritores criado por ele mesmo. A expressão Fernando Pessoa ele mesmo refere-se ao ortônimo, ou seja, o escritor real que assina no seu próprio nome. É difícil estabelecermos uma linha divisório para sabermos exatamente

5- Onde “acaba” Fernando Pessoa e começa seus heterônimos?

Será que é possível delimitarmos os textos escritos só por Pessoa dos seus heterônimos? O que pertence exclusivamente à Pessoa ele mesmo e o que pertence aos seus poetas-fictícios? Quando observamos os heterônimos pessoano nos deparamos com um número muito grande de escritores criado por Pessoa; neste ponto entrarmos em um campo muito movediço, pois diferentes autores, Perrone-Moisés e Jerónimo Pizarro só para citar alguns,

divergem um pouco no que se refere ao números dos heterônimos e também sobre os critérios literários para estabelecermos qual escrito pode ou não ser categorizado como um escrito heteronômico.

De acordo com Pizarro ele cita em sua obra cento e trinta e seis nomes que segundo ele podem ser autores criado por Pessoa. A esses nomes são atribuídos os mais variados textos, desde simples cartas, contos, romances incompletos, poemas inacabados e um sem números de pedaços de textos com apenas algumas assinaturas às vezes escritas à margem da folha de papel e às vezes rabiscadas no fim da folha. Mesmo assim ainda é possível listarmos alguns desses nomes como sendo um poeta-fictício.

Considerações finais

Quando escrevemos sobre os heterônimos devemos nos adentrar também na relação que estes tinham com o seu ortônimo. Nem todos eram escritores, e os que eram nem sempre produzia poesia; às vezes um heterônimo escrevia somente trechos de cartas ou apenas uma charada para um jornal que também era uma criação fictícia de Pessoa (o palrador, Pizarro. P.29).

Dentro do universo pessoano temos heterônimos que escreviam cartas para pessoas reais e outros que mais a frente também criou seu próprio heterônimo. Há também heterônimo que adota um nome falso, pseudônimo; quem pensa que Pessoa só criava personagens masculinos vai se surpreender quando ler sobre Nympha, Lili, Nympha negra e Cecilia todas heterônimos femininos. Se há um limite literário para a criação desse tipo de arte poética não ficou muito bem delimitado nos tempo de Pessoa, pois ele mesmo não se restringiu em suas produções chegando até mesmo a criar heterônimos não-humanos ou seriam apenas personagens? Mas um heterônimo não é também um personagem já que se trata de uma criação da mente de um escritor?

Uma árvore genealógica não daria conta para organizamos todos os nomes relacionados com Pessoa em ordem linear e lógica. Em primeiro lugar

porque não se trata de uma família com sua descendência em ordem linear; segundo não há somente heterônimos, então onde colocaríamos o semi-heterônimo Bernardo Soares? Ou o pseudônimo do próprio Pessoa, Ibis? E onde fica também o ortônimo Fernando Pessoa ele mesmo seria ele o original ou outra criação de Pessoa? Todas essas relações deixam uma tarefa por demais árdua na mente de qualquer pesquisador mesmo assim não é nosso objetivo tentar compreender de forma exata como seria a ordem dos heterônimos criado por Pessoa nem sabemos se há essa ordem; além do mais têm críticos que não aceitam todos esses nomes, mesmo escrito pelo próprio Pessoa, como heterônimos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREAL, Leonor; VILAR, Elisabete (Org.). Arquivo Pessoa. 2008. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CAVALCANTE FILHO, José Paulo. Fernando Pessoa uma quase auto biografia. Rio de Janeiro: Record, 2011. 1025 p.

JERÓNIMO PIZARRO. Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros de Brown (Ed.). Pessoa plural: Revista de estudos pessoanos. Disponível em: <www.brown.edu>. Acesso em: 03 jul. 2019.

PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patrício. 139 pessoas de Pessoa. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2017. 731 p.

PEREIRA, Mariella Augusta. A heteronímia: metamorfoses retórico-poéticas Ethos e Pathos nas Ficções do Interlúdio. 2014. 215 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.